



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS**

ELENISE DA SILVA CARNEIRO

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: DESAFIOS NA
ESCOLA REGULAR**

**Porto Nacional - TO
2021**

**ELENISE DA SILVA
CARNEIRO**

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: DESAFIOS NA
ESCOLA REGULAR**

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Porto Nacional, para obtenção do título de
Licenciada em Letras: Libras, sob a orientação da Prof. Esp. Adelaine
Valéria Gomes Lima.

Porto Nacional - TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D229e Da Silva Carneiro, Elenise.

Ensino da Língua Portuguesa para Surdos: desafios na escola regular: : desafios na escola regular. / Elenise Da Silva Carneiro. – Porto Nacional, TO, 2022.

24 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras, 2022.

Orientador: Adelaine Valéria Gomes Lima

1. Língua Portuguesa. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Escola regular. 4. Aluno surdo. I. Título

CDD 419

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELENISE DA SILVA CARNEIRO

Artigo apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de Licenciada em Letras Libras, sob a orientação da Prof.^a Esp. Adelaine Valéria Gomes Lima.

Data de aprovação: 19/04 /2021

Banca Examinadora:

Prof. Esp. Adelaine Valéria Gomes Lima, Orientadora, UFT

Prof. Ms Rodrigo Augusto Ferreira, Examinador, UFT

Prof. Ms. Suelen Silva de Oliveira, UFT

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha família, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos ao longo do curso.

Aos meus filhos, que foram meu braço forte na jornada acadêmica e aos netos que me alegravam depois de uma noite exaustiva de trabalho e uma manhã de estudo.

Agradeço aos meus professores do Curso de Letras: Libras que colaboraram para que eu concluísse essa graduação.

Agradeço aos meus colegas do curso que direta ou indiretamente contribuíram para o meu processo de formação profissional.

Agradeço aos meus Professores avaliadores da banca, Ms. Rodrigo Ferreira e Ms. Suelen Oliveira que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca.

Agradeço à minha Prof.^a Orientadora Adelaine Valéria Gomes Lima, pela paciência, pela dedicação, pela disponibilidade do tempo, pelas orientações que contribuíram para o meu enriquecimento.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto o Ensino de Língua Portuguesa ofertado na escola regular de ensino. O problema da pesquisa é: quais são os desafios no ensino da Língua Portuguesa (L2) para alunos surdos na escola? Esta pesquisa se justifica pelo fato de, como acadêmica do Curso de Letras, ter percebido isso em alguns colegas surdos do curso, que apresentavam dificuldades na leitura e na produção da escrita. Inicialmente, foi esse o fato que me serviu de motivação para a escolha do tema. Além disso, penso que o tema é importante, pois as pesquisas têm demonstrado que os alunos surdos têm apresentado um déficit considerável no processo de aquisição da leitura e escrita em todo o seu percurso escolar. Acredito que essa pesquisa poderá contribuir na formação dos profissionais que atuam com o surdo, bem como na formação dos futuros profissionais, despertando neles novas perspectivas. Além do mais, esta pesquisa vai ao encontro do novo contexto educacional do surdo, que oficialmente, será sob a orientação bilíngue, o que significa dizer que a Língua Portuguesa para surdos, considerada a sua L2, deverá ser ensinada numa perspectiva de 2ª língua. O objetivo geral dessa pesquisa foi apresentar os desafios do ensino de Língua Portuguesa (L2) para alunos surdos na escola regular. Foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, do tipo bibliográfica. Os dados da pesquisa foram levantados a partir de fontes bibliográficas, tais como: livros, artigos, dissertações e teses. Os dados serão registrados e, sem seguida, analisados a partir da análise de conteúdo. Constatou-se que o surdo tem a Libras como sua Língua L1 e a Língua Portuguesa como sua L2, por isso é condição essencial que o surdo saiba a L1 - Libras para aprender a Língua Portuguesa; que na sala de aula junto com ouvintes é impossível o surdo aprender a Língua Portuguesa. A respeito dos desafios a serem enfrentados para a oferta da Língua Portuguesa para Surdos, significa que é necessário que sejam criados espaços bilíngues para o ensino da Língua Portuguesa com a presença de professores surdos com formação em Libras para o ensino da Libras e professores ouvintes bilíngues com formação em Língua Portuguesa L2. Conclui-se, portanto, que isso é possível de ser implementado, haja vista que já existe um arcabouço jurídico garantindo a educação bilíngue para os surdos também na escola inclusiva.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Escola regular. Aluno surdo.

ABSTRACT

This research had as object the Teaching of Portuguese Language offered in the regular teaching school. The research problem is: what are the challenges in teaching the Portuguese Language (L2) to deaf students at school? This research is justified by the fact that, as an academic in the Language Course, I noticed this in some deaf colleagues in the course, who had difficulties in reading and writing production. Initially, this was the fact that motivated me to choose the topic. In addition, I think the theme is important, as research has shown that deaf students have shown a considerable deficit in the process of acquiring reading and writing throughout their school career. I believe that this research can contribute to the training of professionals who work with the deaf, as well as the training of future professionals, awakening new perspectives in them. Furthermore, this research meets the new educational context of the deaf, which officially will be under bilingual guidance, which means that the Portuguese language for the deaf, considered their L2, should be taught in a second language perspective. The general objective of this research was to present the challenges of teaching the Portuguese Language (L2) to deaf students in regular school. It was a qualitative research, exploratory, bibliographic type. The research data will be collected from bibliographic sources, such as: books, articles, dissertations and theses. The data will be recorded and then analyzed from the content analysis.

Keywords: Portuguese language. Regular school. Deaf student.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA – L2.....	11
2.1 Formas de aquisição.....	11
2.2 Formas de aquisição de língua pelo sujeito surdo.....	11
2.3 Requisito para a aquisição da língua portuguesa – l2 pelo surdo.....	12
3 PANORAMA ATUAL DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NA ESCOLA INCLUSIVA	15
3.1 Escola inclusiva e o surdo	15
3.2 O ensino da língua portuguesa na sala regular e o aluno surdo	16
3.3 Insucesso do aluno surdo na aquisição da língua portuguesa.....	17
4 DESAFIOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NA ESCOLA REGULAR.....	19
4.1 Organização de espaços bilíngues com alunos surdos	19
4.2 A libras como mediadora no processo de aquisição da língua portuguesa.....	20
4.3 Práticas de ensino de língua portuguesa para surdos	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é o ensino da Língua Portuguesa para surdos na escola regular de ensino.

O fracasso escolar do aluno surdo tem sido objeto de muito debate e estudo ao longo dessas umas últimas décadas. Isso se deve, sobretudo, porque o surdo está completando seu ciclo acadêmico com um baixo desempenho nas áreas curriculares.

Verifica-se que os surdos em geral, apresentam muitas dificuldades na leitura e produção de textos em Língua Portuguesa, o que pode estar comprometendo o seu acesso aos demais conteúdos curriculares.

O problema da pesquisa é: quais são os desafios no ensino da Língua Portuguesa (L2) para alunos surdos na escola?

Esse artigo se justifica pelo fato de, como acadêmica do Curso de Letras, ter percebido isso em alguns colegas surdos do curso, que apresentavam dificuldades na leitura e na produção da escrita. Inicialmente, foi esse o fato que me serviu de motivação para a escolha do tema. Além disso, penso que o tema é importante, pois as pesquisas têm demonstrado que os alunos surdos vem apresentando um déficit considerável no processo de aquisição da leitura e escrita em todo o seu percurso escolar. Acredito que essa pesquisa poderá contribuir na formação dos profissionais que atuam com o surdo, bem como na formação dos futuros profissionais, despertando neles novas perspectivas. Além do mais, esta pesquisa vai ao encontro do novo contexto educacional do surdo, que oficialmente será sob a orientação bilíngue, o que significa dizer que a Língua Portuguesa para surdos, considerada a sua L2, deverá ser ensinada numa perspectiva de 2ª língua.

Para esta pesquisa alguns autores serão referenciados, e outros pesquisadores aqui citados serviram como base para este artigo: Albres (2010), Almeida (2016), Freire (1999), Lodi (2011), Lodi e Feitosa (2009) e Quadros (1997).

O objetivo geral desta pesquisa será apresentar os desafios do ensino de Língua Portuguesa (L2) para alunos surdos na escola regular.

Os objetivos específicos são:

- Conhecer as formas de aquisição da Língua Portuguesa por parte do surdo;
- Investigar o panorama atual do ensino de Língua Portuguesa para Surdos na escola regular;
- Conhecer os desafios do ensino de Língua Portuguesa para surdos na escola regular.

A respeito do tema, foram elaboradas as seguintes hipóteses:

- É possível que o surdo aprenda a Língua Portuguesa na escola regular.
- O ensino da Língua Portuguesa na sala regular com a presença de alunos ouvintes e surdos inviabiliza o aprendizado desses últimos.
- O ensino de Língua Portuguesa para surdos requer metodologias específicas.

Será uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, do tipo bibliográfica. Os dados da pesquisa serão levantados a partir de fontes bibliográficas, tais como: livros, artigos, dissertações e teses. Os dados serão registrados e, em seguida, analisados a partir da análise de conteúdo.

A pesquisa foi dividida em cinco seções. na primeira seção, será tratado sobre as concepções de ensino de 2ª língua. na segunda seção, será abordado sobre o processo de aquisição de 2ª língua do sujeito surdo. na terceira seção, serão apresentadas algumas práticas de ensino de língua portuguesa para surdos. Na quarta seção, será abordado sobre desafios no ensino de língua portuguesa para surdos na escola regular e na quinta e última seção serão feitas as considerações finais.

2 PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA – L2

Nesta seção, será abordado sobre diferentes formas de aquisição de 2ª língua as quais serão as seguintes: simultânea, espontânea e sistemática.

2.1 Formas de aquisição

Conforme os estudos de Quadros (1997, p. 83), as formas de aquisição da língua são as seguintes: simultânea, espontânea e sistemática.

A forma simultânea ocorre quando o sujeito adquire a L1 e a L2 ao mesmo tempo. Na forma espontânea, o sujeito aprende a L1 (primeira língua) naturalmente. Já na forma sistemática, o sujeito aprende a língua em um ambiente formal de ensino, por exemplo, numa escola de idioma.

Percebe-se, então, que a autora apresenta três processos diferentes de aquisição da segunda língua. Esses processos possuem aspectos específicos. Por exemplo, na forma espontânea, como o próprio nome já denuncia, a aquisição ocorre de forma natural. Na segunda forma, entende que o sujeito adquire as línguas 1 e 2 ao mesmo tempo, como por exemplo, o filho de um alemão casado com uma brasileira, que no convívio do lar, tem as duas línguas em contato. No processo sistemático, a aquisição ocorrerá em um ambiente formal, ou seja, em um ambiente de ensino, no qual há uma intencionalidade e um planejamento prévio, para o sujeito adquirir a língua.

2.2 Formas de aquisição de língua pelo sujeito surdo

A respeito dessas diferentes formas de aquisição, ou seja: simultânea (a), espontânea (b) e sistemática (c) e sua aplicação no ensino para o sujeito surdo, Quadros (1997, p. 83) assevera:

Considerando a aquisição da L2 por crianças surdas, as duas primeiras formas parecem não ser possíveis de serem aplicadas. A razão dessa impossibilidade está relacionada com a condição física da pessoa surda. A forma em (a) poderia inicialmente indicar a pessoa surda, pois ela nasce em um país e adquire de forma natural outra. Entretanto, a pessoa surda não ouve a língua usada neste país. [...].

A autora ilustra que as formas simultânea e espontânea de aquisição da 2ª língua não são adequadas às crianças surdas, tendo em vista o fato delas não possuírem sua audição preservada, que é uma condição para que a aquisição natural da modalidade oral de uma língua ocorra. Além disso, a autora destaca que o fato do surdo ter nascido em um país e adquirir outra

língua de forma natural não viabiliza o processo de aquisição da língua na forma simultânea, porque as línguas são de modalidades diferentes, ou seja, a Libras (L1) é de modalidade espaço-visual e a Língua Portuguesa (L2) é de modalidade oral-auditiva.

Sobre a possibilidade de as crianças ouvintes filhas de pais surdos adquirirem as línguas nas formas simultânea e espontânea, a autora explica: “[...] No caso das crianças ouvintes filhas de pais surdos, tanto a forma em (1) com em (2) se aplica sem problemas, pois a criança adquire as línguas de sinais com os pais e a língua falada com outras pessoas do seu país [...]”. (QUADROS, 1997, p. 83).

A autora explica que as crianças ouvintes poderão adquirir as línguas tanto na forma simultânea, quanto na forma espontânea. Isso se deve ao fato de que a criança ouvinte, ao contrário da criança surda, beneficia-se no aprendizado da língua oral em razão dela ser ouvinte, e ter contato com pessoas ouvintes.

A respeito do processo de aquisição da língua pelo surdo nas formas simultânea (1) e espontânea (2), a autora afirma que: “[...] os surdos também poderiam ser enquadrados nas formas (1) e (2), mas envolvendo línguas de sinais diferentes. Por exemplo, alguns surdos brasileiros que dominam a Libras foram morar nos Estados Unidos e adquiriram de forma natural e espontânea a ASL [...]” (QUADROS, 1997, p. 83).

A autora aponta que é possível o surdo adquirir línguas de forma simultânea, desde que estas sejam da modalidade espaço-visual. Nesse caso, a aquisição ocorre a partir do contato e da interação entre surdo e os utentes das diferentes línguas de sinais.

Sobre a forma sistemática de aquisição da língua, por parte do sujeito surdo, Quadros (1997) argumenta que: “[...] parece retratar a aquisição da L2 pelos surdos quando adquirem a língua oral-auditiva”. (QUADROS, 1997, p. 83).

De acordo com a autora, a forma de aquisição sistemática da língua, ou seja, ocorrendo num ambiente formal, de forma intencional e planejada, com metodologias específicas, parece ser a mais adequada ao sujeito surdo.

2.3 Requisito para a aquisição da língua portuguesa – L2 pelo surdo

A aquisição da LIBRAS se dá de forma natural e espontânea, na criança surda. E ela será a base para o aprendizado da Língua Portuguesa – L2. Por isso, é importante que a criança surda seja exposta à LIBRAS o mais cedo possível. Quadros (1997, p. 84) assevera que:

A Libras é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada (conforme já foi visto na seção anterior), conseqüentemente deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com a L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino da língua portuguesa que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda.

De acordo com a autora, a LIBRAS é adquirida de forma natural e espontânea pelo surdo, portanto, é considerada a sua L1. Já o processo de aquisição da Língua Portuguesa – L2, acontece de forma sistemática, ou seja, em um ambiente formal, planejado e, para que o processo ocorra de forma eficiente, requer da criança o domínio da sua L1.

Sobre o pré-requisito de o surdo ter que possuir fluência na LIBRAS para posteriormente adquirir a Língua Portuguesa, Lodi (2011), em concordância com Quadros (1997), afirma que:

A partir do desenvolvimento dessa língua [LIBRAS], o ensino-aprendizagem escolar da língua portuguesa em sua modalidade escrita pode ser iniciado, entendida como segunda língua das pessoas surdas (L2) [...] (LODI, 2011, p. 83).

A autora defende que o ensino da L2 (Língua Portuguesa), na modalidade escrita, deverá ser ofertado somente após o surdo ter adquirido a LIBRAS (L1).

Portanto, é fundamental que a Libras seja ofertada o mais cedo possível nas escolas.

O adulto surdo fluente na Libras é o principal interlocutor da criança e do adolescente surdo, por ser seu modelo linguístico, em razão de possuírem a mesma condição de sujeitos de experiência visual. É na relação dialógica entre o adulto surdo usuário fluente na Língua de Sinais e criança e adolescente surdo, que estes últimos irão adquirir a L1. Por isso, é imprescindível a presença do professor do surdo no processo educacional do aluno surdo. Sobre isso Lodi (2011, p. 88) afirma:

Esse processo só será construído plenamente na interação, preferencialmente, com adultos surdos, pois eles têm domínio das diferentes linguagens constitutivas da Libras, instrumento de mediação dos processos psicológicos superiores e das práticas de letramento em Libras, necessárias para a transformação das crianças surdas em crianças bilíngues letradas. E assim, como interlocutores privilegiados para a imersão de seus pares na língua de sinais, estes sujeitos poderão interferir ideologicamente, por meio dela, nos padrões culturais e de interpretação de mundo fundadas nas relações com a linguagem. Por esta razão, os surdos adultos envolvidos neste processo devem ser necessariamente usuários de Libras, participantes da comunidade surda e membros de referência dessa mesma cultura (LODI, 2011, p. 88).

De acordo com a autora é importante a interação entre criança surda e surdos adultos, pois estes possuem domínios específicos da língua de sinais, só possível a quem é usuário dessa língua. Portanto, são os adultos surdos fluentes na Libras os sujeitos que melhor atenderão as especificidades da criança surda.

Sobre a previsão da presença do professor de Libras nas escolas o Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005, dispõe que:

Art. 14 - As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. Parágrafo 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem:

III – **prover as escolas com:**

professor de Libras ou instrutor de Libras; (BRASIL, 2005, *on-line*, grifo nosso).

No entanto, a realidade tem nos mostrado que a lei não tem sido respeitada. Não é tão comum a presença de professores surdos nos espaços escolares, principalmente de escolas inclusivas. A respeito disso, Lodi (2011, p. 88) comenta que existem alguns fatores que têm interferido para que o professor surdo integre o quadro de profissionais das escolas, são eles: o desconhecimento do gestor sobre as singularidades da criança surda; uma certa resistência dos professores ouvintes, por não verem relevância da presença do surdo sem formação pedagógica atuando na escola e a pressão exercida pelo sistema educacional que cobra os resultados imediatos da aprendizagem do aluno. Segundo a autora, há uma ideia equivocada de que o contato dos alunos surdos com os professores surdos irá interferir no seu desenvolvimento de aquisição da Língua Portuguesa, sendo isso o responsável pelo seu atraso na aquisição dessa língua.

Considerando o que foi exposto acima, a Libras será fundamental para que o processo de aquisição da L2 aconteça. Portanto, não há o que se falar em aquisição da L2 se o aluno não possui a sua L1 internalizada. Vê-se, então, que para o surdo aprender a Língua Portuguesa na modalidade oral, é preciso que antes ele tenha adquirido a L1, que é a sua língua natural.

3 PANORAMA ATUAL DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NA ESCOLA INCLUSIVA

Nesta seção, será abordado sobre o contexto atual do ensino da Língua Portuguesa para surdos na escola regular de ensino, apresentando causas do insucesso do aluno nessa disciplina.

3.1 Escola inclusiva e o surdo

No Brasil, a educação está pautada numa política de perspectiva inclusiva, que tem como proposta implementar ações políticas, sociais e pedagógicas, que garantam os direitos de todos os alunos de estarem num mesmo espaço, de forma harmoniosa, sem qualquer prática discriminatória.

A inclusão escolar é concebida como sendo uma proposta que visa garantir a todas as pessoas, indistintamente, a ocuparem os mesmos espaços, de forma respeitosa, acolhedora e empática. O seu compromisso vai além da promoção socializadora. É preciso que esses sujeitos, com suas diferenças e especificidades, tenham a garantia de aprendizado, de acesso ao conhecimento, de sucesso escolar. A respeito disso, Lacerda citando Mazzota (1996) e Kelman (1998) afirma:

[...] a proposta de inclusão contempla a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística. Desse modo, para a implementação da inclusão, o modelo que se propõe é inspirado no caleidoscópio, no qual cada peça é importante para garantir a beleza e a riqueza do todo, ou seja, é desejável que na classe regular haja todo tipo de aluno para que o grupo se enriqueça. Para tal, a escola deve ser criativa para buscar soluções visando à manutenção desse aluno no espaço da sala de aula regular, levando-o a obter resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social (MAZOTTA, 1996; KELMAN, 1998 *apud* LACERDA, 2009, p. 88)

Os autores compreendem a proposta inclusiva como um modelo de educação que acolhe as diversidades humanas sob os mais diferentes aspectos, apresentando esse universo diverso como algo enriquecedor, e atribuindo à escola a responsabilidade por garantir a permanência desse aluno.

No entanto, o desempenho do surdo na escola inclusiva tem sido alvo de muitas discussões. Não há um consenso de que dentro de um ambiente inclusivo o aluno surdo tem sido atendido de forma eficiente. Aliás, a comunidade surda ao longo de alguns anos vem

reclamando de que a escola inclusiva não vem conseguindo responder às demandas acadêmicas do surdo.

Pesquisas feitas, como a do Programa de Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem do Surdo Brasileiro (PANDESB), considerado umas maiores pesquisas já realizadas no mundo, em razão da amostragem, de responsabilidade do Prof. Dr. Fernando Capovilla, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa (INEP). Participaram dessa pesquisa 8 mil alunos surdos, de 15 Estados do Brasil, sendo alunos de escolas públicas e escolas bilíngues. As questões da pesquisa estavam vinculadas às competências dos alunos em relação à Libras e Língua Portuguesa. Após a coleta de dados e posterior análise, os resultados obtidos demonstraram que os alunos que estudam nas escolas bilíngues possuem um desempenho linguísticos em ambas as línguas superior aos alunos que estão matriculados em escolas públicas inclusivas.

Essa pesquisa serviu de base para a comunidade surda para reivindicar a criação das escolas de surdos no Brasil, na ocasião do Movimento em prol Escola Bilíngue Para Surdos no ano de 2011.

Essa pesquisa, dentre outros estudos, coloca sob suspeição algumas propostas educacionais que foram desenvolvidas ao longo dos anos na educação dos surdos.

A respeito da ineficiência das propostas educacionais desenvolvidas para os surdos, Lacerda (2009, p. 2) afirma:

As propostas educacionais desenvolvidas na educação de surdos não foram eficientes e encontram-se um grande número de sujeitos surdos que após anos de escolarização apresentam uma série de limitações, não sendo capazes de ler e escrever satisfatoriamente e não tendo um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos.

A autora revela que propostas educacionais implementadas na educação de surdos têm demonstrado ineficiência, haja vista o número expressivo de alunos surdos que encerram seus estudos com sérios déficits no conhecimento acadêmico.

3.2 O ensino da língua portuguesa na sala regular e o aluno surdo

A oferta do ensino da Língua Portuguesa para surdos na maioria das escolas do sistema regular de ensino tem apresentado a seguinte configuração: ocorre na sala de aula inclusiva, com surdos e ouvintes, muitas vezes sem o apoio de um tradutor-intérprete, ministrada por um

professor ouvinte não fluente na Língua de Sinais, que utiliza a língua oral como língua de instrução, utilizando uma metodologia de ensino de Língua Portuguesa como L1, na modalidade oral e escrita, com foco no ouvinte e com material didático (livro) específico para ensino de Língua Portuguesa L1.

O que se depreende, a partir desse cenário, é que é esse tipo de modelo educacional que tem causado o fracasso do surdo na aquisição da L2. Portanto, é preciso reconfigurar o espaço de ensino de Língua Portuguesa para o surdo, na escola regular de ensino.

Segundo Freire (1999, p. 26):

Se o fracasso existe, ele tem de ser enfrentado a partir de uma proposta nova calcada nas reais necessidades do aprendiz surdo, para quem a primeira língua é a Língua de Sinais (1) e para quem a Língua Portuguesa é a segunda língua com uma função social determinada. O ensino da língua Portuguesa passaria a ser entendido, então como o ensino de uma língua instrumental com o objetivo de desenvolver no aprendiz habilidades de leitura e produção escrita.

A autora afirma que em se reconhecendo o fracasso educacional do surdo, é preciso enfrentá-lo. E, esse enfrentamento se dá com mudanças de propostas de ensino de Língua Portuguesa. A autora esclarece que nessa proposta o surdo precisa ser percebido como o sujeito que tem a Libras como sua L1 e a Língua Portuguesa como sua L2, na modalidade escrita.

3.3 Insucesso do aluno surdo na aquisição da língua portuguesa

Ao longo de décadas, convive-se com um cenário de insucesso escolar do aluno surdo. De acordo com Lacerda (2000, p. 3), esse resultado se apresenta tanto no âmbito da Educação Especial, quanto na Escola Regular. O que confirma que tais modelos educacionais não têm conseguido garantir a escolarização adequada ao surdo. Os resultados demonstram que as dificuldades do surdo estão ligadas sobretudo, à aquisição da leitura e escrita na Língua Portuguesa. A autora afirma que “as pessoas surdas vêm sendo escolarizadas, mas essa escolarização tem produzido poucos resultados realmente efetivos” (LACERDA, 2000, p. 3).

Esse resultado demonstra que o ensino da Língua Portuguesa em uma sala inclusiva não atende o aluno surdo. De acordo com Lodi, esse modelo inviabiliza o processo de ensino-aprendizagem do surdo. É preciso então, criar ambientes propícios para esse fim. Sobre essa inviabilidade do surdo aprender a Língua Portuguesa, na sala regular juntos com os alunos ouvintes, Lodi (2011, p. 95) conclui:

[...] pode-se concluir que o ensino-aprendizagem da linguagem escrita, em sua dimensão discursiva, torna-se inviável de ser desenvolvido da mesma forma, e, portanto, nos mesmos espaços que as crianças ouvintes (mesmo que com a mediação do profissional tradutor/intérprete de Libras/língua portuguesa), por envolver processos distintos dos vivenciados pelas crianças ouvintes.

A autora é enfática em dizer que não é viável o ensino da língua portuguesa escrita na sua dimensão discursiva em um mesmo espaço com crianças surdas e ouvintes.

É preciso, portanto, compreender que os surdos possuem aspectos linguísticos específicos, o que requer que eles estejam alocados em ambientes favoráveis à aquisição das línguas. A respeito das peculiaridades linguísticas do surdo, Lacerda (2000, p. 6) assevera:

[...] o surdo precisa ser respeitado em sua condição linguística e, na medida em que tal condição é respeitada, ele pode desenvolver e construir novos conhecimentos de maneira adequada e satisfatória.

Segundo a autora, é fundamental que a condição linguística do surdo seja respeitada. E que na medida em que as condições lhe forem favoráveis poderá se desenvolver. Portanto, é preciso compreender que o sujeito surdo possui a LIBRAS - L1 e a Língua Portuguesa - L2. Para isso é preciso que o espaço escolar inclusivo seja convertido em um espaço inclusivo na perspectiva bilíngue. Sobre isso, o novo Plano Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizagem ao Longo da Vida - Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020, (o qual encontra-se suspenso pelo STF), dispõe:

[...] X - **classes bilíngues de surdos - classes com enturmação de educandos surdos**, com deficiência auditiva e surdocegos, que optam pelo uso da Libras, organizadas **em escolas regulares inclusivas**, em que a Libras é reconhecida como primeira língua e utilizada como língua de comunicação, interação, instrução e ensino, em todo o processo educativo, e a língua portuguesa na modalidade escrita é ensinada como segunda língua; [...] (BRASIL, 2020, *on-line*, grifos nossos).

Conforme o Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020, há previsão de espaços bilíngues dentro da escola regular inclusiva em que a Libras será a língua de instrução, ministrada por surdos fluentes e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, ensinada por professores bilíngues com formação em Letras: Língua Portuguesa para Surdos.

De acordo com Lacerda (2000, p. 12), uma escola ideal para satisfazer as necessidades do aluno surdo deveria ser aquela em que todos os conteúdos acadêmicos fossem ministrados por um professor com domínio pleno da Língua de Sinais.

4 DESAFIOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NA ESCOLA REGULAR

Nesta seção, será abordado sobre diferentes os desafios para que seja possível a implementação do Ensino de Língua Portuguesa para Surdos na Escola Regular.

4.1 Organização de espaços bilíngues com alunos surdos

Os espaços para atenderem os alunos surdos precisam estar organizados com condições para as interações verbais (sinais) entre os surdos. Por isso, não se pode prescindir da Libras nesse espaço, pois, ela será a base linguística para que o aluno possa aprender a Língua Portuguesa.

As legislações como a Lei de Libras n. 10.436/2002, Decreto n. 5.626/2005, PNE (2014-

2024) e Política de Educação na Perspectiva Inclusiva (Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020), asseguram a educação bilíngue para surdos nos mais diferentes espaços, independentemente dos locais em que estiverem matriculados. É preciso, portanto, que os espaços sejam modificados. É inadmissível mesmo em um momento com tantas conquistas alcançadas, o surdo ainda se deparar com modelos educacionais excludentes e que desrespeitam os seus direitos linguísticos.

De acordo com a nova Política de Educação na Perspectiva Inclusiva instituída pelo Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020, há previsão de espaços bilíngues inseridos nas escolares regulares de ensino.

Sobre isso, o decreto dispõe:

[...] IX - **classes bilíngues de surdos - classes com enturmação de educandos surdos**, com deficiência auditiva e surdocegos, que optam pelo uso da Libras, organizadas **em escolas regulares inclusivas**, em que a Libras é reconhecida como primeira língua e utilizada como língua de comunicação, interação, instrução e ensino, em todo o processo educativo, e a língua portuguesa na modalidade escrita é ensinada como segunda língua; [...] (BRASIL, 2020, *on-line*, grifos nossos).

O Decreto n. 5.626 (22 de dezembro de 2005) determina no seu art. 14 que:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. [...] II - prover as escolas com:

- a) **professor de Libras ou instrutor de Libras;**
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) **professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas;** [...] (BRASIL, 2005, *on-line*, grifos nossos).

4.2 A libras como mediadora no processo de aquisição da língua portuguesa

O ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa para surdos na escola regular dependerá de algumas condições, como a de que o surdo precisa ter anteriormente adquirido a Língua de Sinais. Segundo Lodi (2011, p. 95), somente a partir do desenvolvimento da Libras é que será possível o início do processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa em sua modalidade escrita.

Almeida (2016, p. 227) traz como resultados de sua pesquisa dados bastante importantes que demonstraram que o desenvolvimento da escrita por parte dos participantes da pesquisa só foi possível por conta da mediação da Libras. Foi por meio da Libras que foram realizadas atividades de práticas discursivas. De acordo ainda com o pesquisador, a Libras possibilitou aos participantes surdos que encarassem a escrita como um meio de expressão. Ficou demonstrado que é perfeitamente possível os surdos aprenderem a Língua Portuguesa e se tornarem bons escritores.

É num contexto dialógico e discursivo que o sujeito conseguirá compreender a função social dos diferentes gêneros textuais. São em momentos de interação e produção desses textos que os alunos saberão que circulam na sociedade diferentes tipos textuais, e cada um possui uma função.

Segundo Lodi (2011), antes de se pensar no processo da escrita é preciso possibilitar ao aluno surdo o conhecimento da leitura. De acordo ainda com a autora, é por meio do conhecimento da leitura que será garantido ao sujeito conhecimento do texto em sua dimensão genérica, ampla, discursiva. E na dimensão do discurso que será possibilitado ao surdo o acesso a língua portuguesa.

A autora diz que antes de iniciar os processos ensino-aprendizagem da leitura, é fundamental que sejam realizadas atividades práticas que levem os surdos adquirirem a Libras. A aquisição da Libras é imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (LODI, 2011).

Portanto, é preciso ter consciência de que não há como pensar no ensino de uma 2ª língua, se não for contemplado uma 1ª. É esta primeira que fará a ponte com a segunda. No caso do aluno, é essencial que ele sabe a Libras, para depois aprender a Língua Portuguesa.

Lodi (2011) adverte que esse processo só poderá acontecer por meio de interações sociais, com sujeitos usuários fluentes na Libras, e que possam oferecer um ambiente bilíngue, para que as crianças e adolescentes possam fazer sua imersão.

4.3 Práticas de ensino de língua portuguesa para surdos

Em relação às práticas de ensino da Língua Portuguesa, estas só poderão ter início após o desenvolvimento da Libras pelo sujeito surdo. Pois, a Libras será a língua que mediará esse processo. Sem ela, fica inviável ensinar a Língua Portuguesa.

Para o ensino da Língua Portuguesa as atividades de leitura serão fundamentais, e precederão à produção escrita. Para isso, é fundamental que a Língua Portuguesa seja ensinada na perspectiva dialógica e enunciativa proposta por Bakhtin.

Para Lodi (2011), é num contexto dialógico e discursivo, que o sujeito conseguirá compreender a função social dos diferentes gêneros textuais. São em momentos de interação e produção desses textos que os alunos perceberão que circulam na sociedade diferentes tipos textuais, e cada um possui uma função social.

Para Bakhtin, (BAKHTIN, 1929/1997, p.181 apud LODI, 2011), o discurso é concebido como “a língua em sua integridade concreta e viva”.

Conclui-se, então, que a prática discursiva configura como a mais ideal para o ensino da Língua Portuguesa para surdos, e que só será possível implementá-la num ambiente bilíngue, com pares surdos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo apresentar os desafios do ensino de Língua Portuguesa para surdos na escola regular.

De acordo com os dados ficou constatado que o surdo tem a Libras como sua Língua L1 e a Língua Portuguesa como sua L2, por isso é condição essencial que o surdo saiba a L1 - Libras para aprender a Língua Portuguesa; que na sala de aula junto com ouvintes é impossível o surdo aprender a Língua Portuguesa. A respeito dos desafios a serem enfrentados para a oferta da Língua Portuguesa para Surdos, significa que é necessário que sejam criados espaços bilíngues para o ensino da Língua Portuguesa com a presença de professores surdos com formação em Libras para o ensino da Libras e professores ouvintes bilíngues com formação em Língua Portuguesa L2.

A respeito das hipóteses ficou confirmado que é possível o surdo aprender a Língua Portuguesa na escola regular, desde que seja criado um espaço bilíngue. Portanto, ficou confirmado que dentro da sala de aula com alunos surdos é inviável o surdo aprender a Língua Portuguesa e que para o ensino da Língua Portuguesa para surdos deverão ser usadas metodologias de ensino de 2ª língua.

Os resultados demonstram que é preciso organizar um espaço específico para o surdo aprender a Língua Portuguesa L2, prevendo condições para o desenvolvimento da Libras, que é uma pré-condição para que o processo de aquisição da Língua Portuguesa aconteça.

Conclui-se, portanto, que isso é possível de ser implementado, haja vista que já existe um arcabouço jurídico garantindo a educação bilíngue para os surdos também na escola inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. de A. **Português: eu quero ler e escrever** (material didático para surdos usuários de Libras). São Paulo: Instituto Santa Teresinha, 2010.

ALMEIDA, D. L. de. **Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2016.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1º out. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10502.htm. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 17 abr. 2021.

FREIRE, A. M. da F. Aquisição do Português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. *In: SKLIAR, C. (Org). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos***. Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 25-34. 2 v.

LODI, A. C. B. Ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: impacto na Educação Básica. *In: GÓES, A. M. et al. (Orgs). **Língua Brasileira de Sinais: uma introdução***. São Carlos-SP: UFSCAR, 2011. p. 83-99

LODI, A. C. B.; FEITOSA, C. B. de L. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. *In: LODI, A. C. B.; FEITOSA, C. B. de L. (Orgs). **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização***. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 143-160.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.